



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO**

BÁRBARA CARVALHO GOMES

**JOVENS EM REDE: TRAÇOS DE MUDIATIZAÇÃO EM ESCOLAS
PÚBLICAS DE SALVADOR**

**SALVADOR
2016**

BÁRBARA CARVALHO GOMES

**JOVENS EM REDE: TRAÇOS DE MEDIATEZACÃO EM ESCOLAS
PÚBLICAS DE SALVADOR**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para graduação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Giovandro Marcus Ferreira

SALVADOR
2016

GOMES, Bárbara Carvalho. Jovens em rede: traços de mídiatização em escolas públicas de Salvador. 53 f. il. 2016. Monografia (Graduação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

Resumo: Este trabalho é fruto de inquietações sobre a inclusão digital nas escolas pública e preocupa-se em analisar o uso das novas mídias, bem como o acesso à internet para a formação de jovens estudantes. Tendo em vista as exigências da revolução digital e a necessidade de uma educação conectada com as novas linguagens, observa-se como a mídiatização, em especial o uso de tecnologias e acesso à internet, têm chegado às escolas públicas da rede estadual de Salvador, de maneira a fazer reflexões a partir dos estudos de teóricos da comunicação, como: Castells e Hjarvard; e da educação: Pretto, Fava, Pérez, entre outros pertinentes ao tema. Além disso, encontra-se neste estudo uma pesquisa quantitativa, realizada em quatro escolas públicas da capital baiana, a fim de mostrar a realidade educacional dessas instituições em tempos de sociedade em rede.

Palavras-chave: mídiatização; escola; educação digital; sociedade em rede

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação	4
2.1 Traços de midiatização na escola pública	8
2.1.1 Progresso e barreiras no uso de novas tecnologias nas escolas	9
2.2 Jovens on-line em escolas desconectadas	13
2.2.1 Um parêntese para o projeto UCA	17
2.2.2 Uma escola com a experiência UCA	21
2.3 Considerações sobre o projeto UCA	24
2.3.1 Iniciativas da gestão pós projeto	24
3. Análise das escolas estaduais baianas	25
3.1 Modo de navegação para realizar a pesquisa – Metodologia	26
3.2 Escola em Itapuã – educação para dar certo, mas...	29
3.2.1 Colégio na Pituba - lugar feito para ser ideal, porém...	31
3.2.2 No Subúrbio - escola para ser modelo, entretanto...	33
3.3 No Solar do Sodré – conservando o passado, mas o presente...	35
3.3.1 Análise de dois coletados	37
3.3.2 A internet nas escolas	38
3.3.3 A conexão via pacote de dados de celular	38
3.4 A conexão nas residências	39
3.4.1 Os jovens frequentam lan house cada vez menos	39
3.4.2 A conta de e-mail como um requisito obrigatório	40
3.4.3 Estudando com o auxílio da internet	40
3.4.4 Participação em cursos online	41
3.5 Rede social favorita	41
3.5.1 De conectados a sempre conectados	41
3.5.6 Principais queixas dos estudantes com relação a uso da internet	42
3.5.4 Panorama geral da conexão dos estudantes	43
3.5.5 Refletindo sobre atitudes e-ducativas na era da informação	45
4. Algumas considerações	47

1. Introdução

Em uma sociedade, na qual as pessoas cada vez mais precisam dominar novas formas de linguagem para interagirem no ciberespaço, a educação que se tem ofertado para a inclusão digital nas escolas públicas ainda apresenta embaraços que impedem uma formação contextualizada e conectada. Na medida em que, na emergente era da tecnologia, também chamada de era digital ou da informação, a midiaticização e a garantia de acesso às tecnologias de informação nos centros educacionais públicos se esbarram em falta de recursos, estruturas precárias e políticas públicas ineficientes.

A partir desse contexto, este estudo busca compreender como as escolas estaduais e os jovens estudantes caminham no processo de midiaticização, conceito que será abordado enquanto um processo recíproco entre a mídia e os diversos campos da sociedade, de maneira a se constituir em uma crescente interdependência da interação entre mídia, cultura e sociedade. (HJARVARD, 2012).

Tal tema escolhido para produção dessa monografia surge a partir das minhas vivências enquanto professora da rede estadual da Bahia, e das discussões sobre cibercultura em disciplinas do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFBA.

Este trabalho mostra ainda abordagens das políticas públicas que se tem feito para a inclusão digital dos educandos, através das experiências do Projeto piloto Um Computador por Aluno (UCA), programa que surgiu em 2009 no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Também evidencia a realidade de algumas escolas públicas da Bahia, todas localizadas em Salvador, através de uma pesquisa com enfoque no acesso dos estudantes à internet, fora e dentro das escolas.

A pesquisa consiste, primeiramente, na análise bibliográfica de teóricos que versam sobre cultura digital, tecnologia da informação, midiaticização, e educação na era digital. Em seguida, há a observação não participante e aplicação de questionários, para quantificação de dados, em quatro escolas da rede

estadual, a saber: Colégio Rotary em Itapuã; Colégio Estadual Serravalle, na Pituba; Colégio Estadual de Praia Grande, em Periperi; e Colégio Estadual Ipirando, no Largo Dois de Julho, Centro de Salvador. Estas instituições foram selecionadas porque fazem parte de diferentes regiões da capital baiana, podendo assim, ter um panorama mais amplo para análise.

Pode-se adiantar que os resultados deste estudo mostram como a revolução da informação - transformação da cultura material, pelos mecanismos de um novo modelo tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação Castells (2001) - têm chegado nas escolas da rede pública. Pretende-se com isso, colaborar nas discussões sobre a inserção de novas mídias nas salas de aula e o acesso à internet para a formação de estudantes conectados, não só para entretenimento, mas também utilizando as inúmeras possibilidades de conhecimento.

2. Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação

O desenvolvimento das tecnologias de informação tem provocado transformações relevantes na sociedade. O advento do computador pós-segunda guerra mundial, o microcomputador na década de 70, a internet desenvolvida ao longo do século XX, e as novas mídias têm interferido no mundo, exigindo um novo comportamento cultural. Castells (2001), apontou que todo esse fenômeno envolvendo os novos meios de comunicação provocou uma revolução social de impacto semelhante, ou até maior, ao que as novas fontes de energia representaram para as revoluções industriais.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/ comunicação e informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso. (CASTELLS, 2001, p. 69)

Com toda essa revolução da informação em que o receptor passa a interagir e compartilhar mensagens, podendo decodificar e produzir conteúdo por meio de recursos da microeletrônica, surgem os processos de midiatização:

A midiatização diz respeito às transformações estruturais de longa duração na relação entre a mídia e outras esferas sociais. Em contraste à mediação, que lida com o uso da mídia para práticas comunicativas específicas em interação situada, a midiatização preocupa-se com os padrões em transformação de interações sociais e relações entre os vários atores sociais, incluindo os indivíduos e as organizações. (HJARVARD, 2012, p. 25)

A palavra mídia vem do latim "media", referindo-se às palavras "meio" ou "forma", entende-se assim como um meio onde a informação é compartilhada. Com base nos estudos de Lima (2003), a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize, e por muito tempo seu conceito esteve diretamente relacionado aos "mass media", como às emissoras de rádio, televisão e jornais. Entretanto, a partir do desenvolvimento das novas mídias, a internet e, por conseguinte os sites e aplicativos passaram a integrar como meios de comunicação.

Nesse contexto, tais dispositivos permitiram o processamento e compartilhamento das informações de maneira mais intensa e veloz, as instituições religiosas, a política, a escola, os movimentos sociais passam a necessitar e até depender dessas mídias. "A lógica da mídia influencia cada vez mais outras instituições que não sejam instituições de mídia" (Altheide / Neve 1979 p. 11). Sendo assim, a midiatização torna-se imprescindível para a interação social e cultural dessas instituições, implicando o processo de informatização. Em seguida, a adaptação às novas mídias e a inserção no cenário contemporâneo que apresenta novas e diversas maneiras de se comunicar.

Agora, em pleno século XXI, com o desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias nômades (laptops, palms, celulares), o que está em marcha é a fase da computação ubíqua, pervasiva e senciente, insistindo na mobilidade. Estamos na era da conexão. Ela não é apenas a era da expansão dos contatos sobre forma de relação telemática. Isso caracterizou a primeira fase da internet, a dos "computadores coletivos" (CC). Agora temos os "computadores coletivos móveis (CCm)". (LEMOS, 2004, p. 18)

Por meio desses equipamentos de tecnologia nômade, novas interações sociais se estabelecem significativamente no ciberespaço: os sites de buscas, o hiperlink¹ e as redes sociais - Facebook, Twitter e Instagram - envolvem os agentes comunicativos em uma sociedade de rede. São aglomerados de links disseminados a todo momento em diversos cantos do mundo, na palma da mão dos usuários. “A nova lógica das redes interfere no modo de ser, pensar e agir, de se relacionar socialmente e de adquirir conhecimento. Cria uma nova cultura e um novo modelo de sociedade” (KENSI, 2012 p. 40). As pessoas gradativamente passam a estar conectadas, emergem na sociedade de rede para fazer parte da nova forma de vida contemporânea, através da cultura da mobilidade (Lemos, 2004).

É dessa forma que as instituições passam a ter integrantes conectados com pessoas e conhecimentos. A escola e a universidade com sua estrutura física e tradicional não são mais o único espaço de saber acessíveis aos jovens. O trabalho não necessariamente precisa ser realizado em um escritório rodeado de papéis e documentos. A família não tem mais parentes tão distantes; o álbum de recordação não é retirado com tanta frequência dos armários, as novas fotos quase nem são reveladas. Pois, o computador conectado em rede oferece todo esse serviço - armazenar, documentar, registrar, produzir, compartilhar.

A partir dessa mudança comportamental pós criação da internet, Hjarvard (2012) aponta dois tipos de midiatização – a direta (forte) e a indireta (fraca). A primeira esta para a migração nítida de atividades que passam a ser conectadas, a exemplo dos serviços bancários online e das inscrições em vestibular, ou em concursos. Nesse sentido, a presença física pode ser dispensada dando espaço para a praticidade do virtual. A midiatização indireta por sua vez é mais sutil, esta para a intertextualidade dos símbolos da revolução da informação que marcam presença nos espaços físicos, como encontrar nas livrarias diversos livros

¹ Link ancorado em uma página eletrônica que direciona para outro texto. Há dois tipos de links “Links-Fixos, ou seja, aqueles que têm um espaço estável e constante no site; e Links-Móveis, isto é, aqueles que flutuam no site, variando a sua aparição de acordo com a conveniência do enunciador, o produtor/autor da página eletrônica.” (XAVIER, 2001, p.168-169)

publicados por Youtubers - criadores de conteúdos postados no Youtube; ou encontrar nas vitrines roupas estampadas com ícones referentes à internet.

A midiatização direta e indireta nem sempre estão separadas, elas podem se relacionar e são fenômenos de uma nova linguagem.

“Linguagem que impões mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. O poder da linguagem digital baseado no acesso a computadores e todos os seus periféricos influenciam cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e uma outra realidade informacional”, (KENSI, 2012, p. 33).

Há, portanto, um novo processo de alfabetização. Se antes bastava aprender a ler e escrever e tornar-se letrado. Hoje, se faz necessário ser um sujeito informatizado, virtualizado e midiatizado. De todo modo esses três pontos caminham juntos. Não adianta ser informatizado - ter acesso a um computador, se nele não há a internet. Também não adianta estar conectado e não saber fazer uso das mídias. É assim que a nova linguagem digital nos impõe mudanças, na medida em que existem signos e códigos específicos no ciberespaço.

Além disso, para acompanhar a nova lógica é preciso passar pelo processo de virtualização, no qual as instituições dissolvem as barreiras físicas e permitem uma maior interação do público.

“A virtualização, no entanto, raramente é total; a maioria das instituições ainda mantém bases físico-geográficas como estruturas importantes para a práxis social. A novidade é que esses lugares e edifícios agora interagem com lugares e espaços virtuais, e a realidade e as formas de interação que ocorrem no mundo virtual também têm consequências para a práxis social na localidade física” (Vani Moreira Kensi, 2012, p.82)

Tem-se como exemplo a escola, onde a estrutura física reúne os estudantes para uma convivência social, ao mesmo tempo em que os limites geográficos se diluem com os espaços híbridos do ciberespaço. Tal realidade traz modificações à sala de aula, onde o professor e o livro didático não são mais a única fonte de informação.

2.1 Traços de midiaticização na escola pública

Apesar das revoluções industrial e da informação, a educação pública no ensino médio não tem acompanhado o ritmo das mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias. As estruturas físicas da escola permanecem a mesma: muros altos, portaria, secretaria, diretoria, sala de professores(as) e salas de aulas isoladas - repletas de cadeiras e mesas em fileiras - o mesmo espaço físico criticado por Michel Foucault, quando este fez uma analogia das instituições como uma prisão para vigiar e controlar as pessoas, através de técnicas disciplinares que limitam e controlam os educandos. “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe (...) e a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1984, p. 127).

O padrão das escolas ainda está distante do que se espera para desenvolver a pedagogia contemporânea libertadora. Para Bonilla (2015) e Pretto (2015) a arquitetura das escolas devem possibilitar a realização de atividades mais livres e coletivas, sem deixar de existir os espaços formais como sala de aula, quadro negro e carteiras, ao passo que estes também não podem dominar o ambiente.

A liberdade e a partilha do conhecimento exigem também a liberdade dos fluxos dos corpos, das ideias e dos materiais – analógicos e digitais – disponíveis no ambiente escolar, para que diferentes tipos de associações possam se estabelecer - entre sujeitos, informações, dispositivos e ideias. (BONILLA; PRETTO, 2015, p. 37)

A partir do cenário atual de ensino-aprendizagem, Rui Fava (2014), vice-presidente da Kroton (considerada a maior empresa privada de educação no Brasil), propôs a educação 3.0 como um novo modelo de promover o ensino pautado na informação, tecnologia e digitalização.

A escola está vivenciando uma transição espantosa, medonha, apavorante para alguns educadores. A educação será feita por meio do tripé, *pessoa a pessoa, máquina a pessoa (máquina a máquina)* a pessoa, ou seja, os estudantes irão aprender por intermédio de pessoa e por meio de máquinas. O professor não é mais o cerne do processo – talvez ainda seja o mais importante, imprescindível e fundamental ator, mas o centro é o estudante. (FAVA, 2014 p. 38)

Percebe-se que a persistência em uma educação tradicional que utiliza a internet e as mídias digitais como meras ferramentas de consulta, em momentos pontuais, é resistir às transformações tecnológicas da sociedade. Ao longo do tempo a educação precisou se modificar, conforme as mudanças e exigências de cada época. No livro de Rui Fava, *Educação 3.0*, há um histórico do ensino-aprendizagem que elucida bem essa questão. Na idade medieval havia o modelo de educar classificado como 1.0, no qual o mestre era o centro do ensino, transmitindo conteúdos religiosos - no Brasil esse método foi desenvolvido no período colonial através dos jesuítas. Em seguida, tem-se o modelo 2.0, por meio da educação de massa influenciada pela revolução industrial, priorizando a memorização de conteúdos. Já na contemporaneidade é apresentado o modelo 3.0 por meio de uma escola conectada, tanto socialmente, quanto virtualmente.

2.1.1 Progresso e barreiras no uso de novas tecnologias nas escolas

No desenvolvimento dessa pesquisa, ao realizar visitas e conversas com estudantes e educadores em escolas públicas estaduais de Salvador, a tese de Foucault veio à tona. Em tempos de internet e seus espaços fluídos, além de conservar a antiga lógica estrutural, as escolas ainda não têm recursos para manter todos em rede. A instituição recebe estudantes conectados, desconectando-os para que se concentrem nos conteúdos apresentados pelos educadores. A escola continua o espaço de controle, de maneira a limitar o uso das tecnologias.

Os laboratórios de informática pouco são frequentados pelos estudantes, precisando da iniciativa dos professores e agendamento dos mesmos para utilizarem o espaço. A quantidade de estudante geralmente é bem maior que o número de computadores disponíveis, e nem sempre todas as máquinas estão funcionando, de fato, a maioria dos professores não realiza atividades nos laboratórios de informática e o espaço acaba sendo chamado de cemitério de computadores.

O computador entrou na escola revestido de uma aura de 'solução para os problemas educacionais'. O endeusamento e supervalorização da máquina levaram à adoção de ideia de que o lugar certo para ela era estar em uma sala especial. (BONILLA e FANTIN, 2015, p. 109)

Tal instituição, portanto, tem enfrentado o desafio de adaptar-se à sociedade em rede e participar dessa lógica no processo de ensino-aprendizagem. A escola precisa deixar os “ranços” (DEMO, 1997) de um sistema burocrático desarticulado, centrado na transmissão de conteúdos formais para adaptar-se ao novo modelo 3.0, baseando-se na pedagogia que promova a conectividade social e digital.

Entretanto, a limitação do ensino ao livro didático, por boa parte dos educadores e gestores do Ensino Médio (EM) e a negligência do potencial pedagógico da internet têm contribuído para o insucesso de um novo modelo educacional. No decorrer desta pesquisa, professores(as) do EM sinalizaram que os estudantes não sabem utilizar a internet para estudo - apenas para distração e cópias - justificando assim a imposição de pesquisas feitas por escrito, evitando o famoso CTRL C, CTRL V.

Ainda há outras barreiras para o uso das novas mídias nas salas de aula, a Secretaria da Educação da Bahia além de não conseguir atender a demanda estudante-computador, tem colocado condições de conectividade wireless que não favorecem a inclusão digital. E, mesmo com o programa Banda Larga nas Escolas (BLE) do Ministério da Educação, a conexão ofertada não chega a dois megabits, encontrando-se em desuso em muitas instituições por causa do “sinal fraco”.

De acordo com informações do Ministério da Educação, o BLE é gerido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), em parceria com as Secretarias de Educação estaduais e municipais. A ação foi lançada em 2008 para levar internet

à todas as escolas públicas, com a proposta de que em 2011, a conexão tivesse a velocidade mínima de dois megabits, o que é pouco, e não foi efetivado.

Em 2014 foram entregues aos professores da rede estadual, conforme divulgado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, um tablet educacional para facilitar nas atividades escolares, a partir da ação do Proinfo Integrado, programa de formação voltada para o uso didático-pedagógico das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Mas, a maioria desses dispositivos foi deixada nas estantes. Segundo relatos de educadores, o tablet apresentou um sistema defasado, pouca memória e recursos limitados.



Tablet Educacional entregue aos professores da rede estadual da Bahia / Fotografia: Bárbara Gomes (2016)

Os equipamentos distribuídos aos docentes pelo governo têm sete polegadas, é da marca Positivo e, neles, há programas pré-instalados, a exemplo do Conteúdo Portal do Professor (MEC); Portal Domínio Público, Projetos de Aprendizagem Educacionais (Banco Internacional de Objetos Educacionais – MEC); e são fechados para instalação de outros aplicativos, como os de redes sociais. Em 2016, esses aparelhos precisaram voltar às mãos de alguns professores, uma vez que a Secretaria de Educação da Bahia concedeu a conexão com a internet, em muitas escolas, apenas por meio desses dispositivos. Ainda assim, alguns professores optaram por usar o notebook particular e a conexão de pacote de dados financiadas com recursos próprios.

Apesar desses problemas, acredita-se que a escola é o lugar de construir o saber e refletir sobre a aprendizagem. Cabe a ela promover o uso das tecnologias que contribuem para dinamizar os estudos, e, principalmente, orientar os estudantes nessa nova forma de aprender. Para tanto, entre as exigências do processo educacional que acompanha as transformações tecnológicas, está a necessidade dos profissionais da educação reaprender a ensinar; reformular as metodologias para modernizar-se. Trata-se do “grande esforço educacional” defendido por Kenski (2012) para garantir a inclusão digital. “A sociedade excluída do atual estágio de desenvolvimento tecnológico está ameaçada de viver em estado permanente de dominação, subserviência e barbárie” (p. 64).

A pesquisadora em mídia e educação, Maria Luiza Belloni, compara a importância de usar as novas mídias na educação atual, tão quanto foi primordial a alfabetização no séc. XIX. Belloni (2009) traz questões cruciais para o ensino na era do ciberespaço - “Como pode a escola pública assegurar a inclusão de todos na sociedade do conhecimento e não contribuir para a exclusão de futuros “ciberanalfabetos?” (p.8). A educação, neste sentido, vai além dos parâmetros curriculares e precisa formar estudantes autônomos para utilizarem as novas tecnologias. A ideia é que os educandos possam, com a orientação dos educadores, ser capazes de desenvolver o aprendizado de forma autodidata.

Entretanto, em alguns casos, nem os próprios professores passaram pela alfabetização digital. O documento da UNESCO (2008-2013) sobre “Padrões de competências em TIC para professores” elenca abordagens primordiais que devem ser desenvolvidas pelos docentes, como: alfabetização em tecnologia, aprofundamento de conhecimento e criação de conhecimento. Surge aí mais uma necessidade, a de formação dos educadores para que dominem o uso das novas mídias, de maneira a produzir, compartilhar e orientar através de aulas midiáticas.

Enquanto esses nós no ensino público não desatam, pesquisas vão mostrando as dificuldades e os avanços da educação. Em 2014, o Comitê Gestor de Internet no Brasil apontou que 82% dos professores de escolas públicas de todo Brasil produziram conteúdos para as aulas por meio do uso das novas

tecnologias. Por outro lado, o uso da Internet para publicar ou compartilhar conteúdos a serem utilizados com os alunos foi feito por apenas 28% dos professores. Essa parcela de quase 30% aproveita as novas mídias para dinamizarem as atividades propostas, através do uso de grupos de e-mail e de whastapp para interagir com os estudantes, compartilhando informações, atividades e trabalhos.

Contudo, com a internet restrita nas escolas e os poucos dispositivos de acesso, cobrar dos professores uma didática que utilize atividades em rede torna-se inviável, visto que o lugar da internet, em suma, ainda é fora dos muros da escola. A gestão escolar a nível macro (ministério e secretarias) e micro (professores e sala de aula) esforçam-se em sanar os problemas de uma educação da era industrial, enquanto emerge a revolução da informação.

Ao transitar pelas instituições educacionais e conhecer diversas gestões da rede estadual de ensino, percebe-se que, as preocupações estão mais voltadas para o acesso do estudante, a permanência e a evasão escolar, além da manutenção das estruturas físicas e hierarquização do currículo. Parece que a cultura digital e as mudanças provocadas na sociedade, ainda não são vistas como uma chave para a transformação pedagógica.

Ainda é importante destacar que o processo de midiatização na escola acontece na esfera administrativa, nas matrículas, no sistema de dados. Contudo, na sala de aula, a lousa branca, o piloto o caderno e a caneta permanecem no cotidiano de estudantes (jovens de um mundo em rede, conectados em um aglomerado de mensagens, signos, imagens 3D, animações) privados de informações, entre quatro paredes, atentos ou fingindo-se atentos à oratória de um professor.

2.2 Jovens on-line em escolas desconectadas

Ao caminhar pelos corredores das escolas estaduais de Salvador, no horário do intervalo, observa-se os adolescentes conversando, alguns sentados no chão, outros em pé, mas em praticamente todos os grupinhos há um celular no meio dos estudantes. Ora riem de alguma informação que veem, ora estão fazendo

selfie, ou ouvindo música no dispositivo. Quando entram na sala de aula para retomar as atividades, os celulares são guardados, pois boa parte dos educadores não permite o uso do aparelho, e, em algumas escolas, a própria gestão/direção proíbe tal uso.

A partir de então, entende-se que os estudantes estão preparados para ouvir o professor, copiar as atividades do quadro, responder questionários nos livros didáticos, e por fim, ouvir a correção dos exercícios. Vez ou outra há uma aula com data show para apresentação de um assunto novo. E, alguns professores, solicitam trabalhos a serem apresentados em power point. Para muitos gestores e educadores, essa é a educação com o uso das novas tecnologias.

Uma pesquisa realizada com jovens de escolas estaduais de São Paulo por Cláudia Prioste (2013) mostra que a realidade educacional deste estado é parecida com o cenário das escolas estaduais da Bahia. A pesquisadora observou que a internet é restrita nas escolas e usada como ferramenta pontual de pesquisa. Há poucos computadores, cerca de 21 para uma média de 730 estudantes e professores com suspeitas em relação ao uso da internet para atividades pelo costume de alunos “copiarem e colarem”.

Além disso, ao concluir a pesquisa, Prioste considerou que o uso da internet pela maioria dos adolescentes não contribuía com uma construção intelectual e de capacidade crítica – “As trocas de conhecimentos realizadas entre os jovens eram voltadas aos conteúdos midiáticos induzidos pela indústria cultural ou prevalente naquele grupo etário.” (PRIOSTE, 2013, p. 236)

Percebe-se que tanto nas escolas paulistas quanto nas baianas, não há para os jovens a possibilidade de estarem conectados e sendo orientados pelos educadores para um melhor aproveitamento da internet. A conexão é realizada nas residências dos adolescentes, onde geralmente o acesso se restringe às redes sociais e jogos on-line.

Tal consideração pode ser comprovada por uma outra pesquisa realizada em 2014 pela Fundação Telefônica Vivo junto com o IBOPE, o Instituto Paulo Montenegro e o Núcleo das Novas Tecnologias da Comunicação Aplicadas à Educação Escola do Futuro-USP. Foram entrevistados 1440 jovens de todo o Brasil, constatando que o celular é a ferramenta mais usada para o acesso à

internet (42% dos entrevistados), tendo como local preferido de acesso a residência (73% dos jovens). Já no trabalho o acesso é realizado por 10% dos jovens e na escola apenas 4%. A pesquisa ainda mostrou que dentre as atividades mais realizadas pelos jovens, na sequência, estão: comunicação em rede social, lazer e busca por informação.

O Comitê Gestor de Internet do Brasil (CGI) tem realizado estudos e pesquisas com relação ao acesso dos jovens à internet e apontou que nas escolas públicas a infraestrutura de acesso é um dos principais obstáculos para a disseminação do uso das TICs e da Internet. O CGI identificou que os estudantes fazem uso das novas mídias, entretanto o uso nem sempre acontece na escola. Os dados mais recentes do Comitê, divulgados em 2014, mostram que a proporção dos estudantes que acessam a Internet por meio de telefones celulares chega a 79%.

Dessa forma, constata-se que o celular passou a ser um dispositivo indispensável para os adolescentes, pois através dele é possível realizar as trocas de mensagem via whatsapp, a interação nas redes Facebook e Instagram, jogar, e assistir a vídeos no Youtube.

O celular expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se em um "teletudo" para a gestão móvel e informacional do cotidiano. De medium de contato inter-pessoal, o celular está se transformando em um media massivo. (LEMOS, 2004, p. 24)

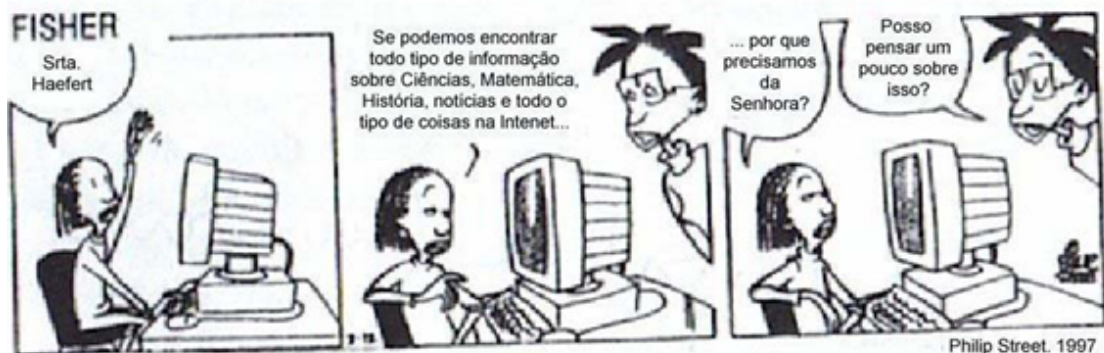
No decorrer desta pesquisa, muitos professores chegaram a relatar que os celulares dos estudantes, geralmente, são mais sofisticados que os deles. Por outro lado, a conexão nos dispositivos quase sempre é realizada quando há uma rede Wifi disponível, ao passo que nas escolas os estudantes ficam desconectados, por indisponibilidade de rede para eles.

A proibição do uso do celular em sala de aula e a ausência de conexão é entendida pelos estudantes como "práticas" que atrapalham o desenvolvimento das aulas, reduzindo assim essas mídias a mero meios de entretenimento para os jovens. Os estudantes usam pelo menos duas redes sociais no celular; conhecem diversos tipos de aplicativos; conectam-se todos os dias, mas na escola enfrentam outra realidade.

Pérez Gómez, através do seu livro “Educação na era digital” coloca a questão do acesso de meninos e meninas na internet como um mosaico de informação com duas vertentes: superinforma ou desinforma - “O acesso ilimitado a uma enorme quantidade de informação fragmentadas que vão além de sua capacidade de organização em esquemas compreensíveis, dispersam a sua atenção e saturam a sua memória.” (GOMÉZ, 2015, p.18).

Nessa perspectiva, as inúmeras informações apresentadas aos jovens conectados, na maior parte dos casos, não são digeridas e, portanto, não têm potencial formador. Assim, a oferta de conteúdos múltiplos na internet junto com a falta de educação digital, reduz o potencial de construção de conhecimento. Bonilla (2015) e Pretto (2015) propõem que as escolas adotem com os jovens a lógica *hacker* para alcançar aprendizagens colaborativas. “Um racker tem participação ativa no seu grupo social, sendo um verdadeiro ativista” (p. 33).

A filosofia hacker proporciona a inteligência coletiva, a abertura e a partilha. A ideia é que os usuários da rede possam trabalhar em conjunto para melhorá-la; busquem maneiras diferentes de comunicação; e experimentem as múltiplas produções de conteúdos. Nessa perspectiva, o papel da escola é estimular o jovem a interagir, produzir e compartilhar conhecimento. Se a escola negligencia tal orientação aos estudantes, eles acabam usando a habilidade em transitar pelas redes em uma simples forma de passar o tempo.



Charge sobre o papel do professor (Fonte: TAPSCOTT: 1999, p. 122) In:
http://www.unifebe.edu.br/02_ead/fund_teorica_EAD_Unifebe_13mar2006.pdf

Com tanta informação disponível em rede, a questão sobre a função do professor em sala de aula começa a ser questionada por alguns estudantes. Por outro lado, a falta de domínio quanto ao uso das ferramentas, não possibilitou ainda que os jovens desenvolvam a aprendizagem autodidata e levante a hipótese de dispensar o papel do educador. Os cursos online, as vídeo-aulas, os conteúdos e exercícios disponíveis são capazes de formar sem sair de casa. Caso os jovens tomem a consciência de que se pode aprender os conteúdos formais que a escola vem ensinando através do computador conectado, a instituição pode entrar em uma crise ainda maior, e os professores vão perder a sua utilidade para com os seus educandos.

Se as escolas insistem nas práticas convencionais obsoletas, que definem a maioria das instituições de ensino atuais, distantes e ignorantes do fluxo de vida que transborda à sua volta, correm o risco de se tornarem irrelevantes. É o momento de redefinir o fluxo de informação nas escolas. (GOMÉZ, 2015, p. 29)

Tais instituições precisam se adequar aos novos tempos e se colocar como lugar de discussão das novas tecnologias. Os estudantes, que hoje ainda não perceberam o poder desses novos meios de informação, podem despertar e transformar a prática pedagógica em: dentro da escola lugar do ócio/ fora da escola lugar da construção. Trata-se de uma previsão, na qual os jovens logo estarão estudando pessoa a máquina, máquina a pessoa.

2.2.1 Um parêntese para o projeto UCA

O projeto Um Computador por Aluno (UCA) é/foi uma experiência piloto que começou a ser articulada em 2006, e iniciada em 2009, no governo de Luís Inácio Lula da Silva, sendo executado pelo Ministérios da Educação, Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Ciência e Tecnologia. Também pela Casa Civil e o Serviço de Processamento de Dados do Governo Federal (Serpro), com a parceria de universidades do Brasil. A ação, que custou cerca de 330 milhões do cofre público, contemplou estudantes das escolas estaduais e municipais, se efetivando com entrega a cada aluno das instituições eleitas um laptop educacional da marca CCEinfo de sistema operacional de software livre.



Laptop CCEinfo – Projeto UCA/ Fotografia: Bárbara Gomes (2016)

A iniciativa chegou na Bahia em 2010, tendo como instituição responsável para formação dos professores neste estado a UFBA. O grupo de pesquisa em Educação, Tecnologia e Comunicação desta universidade, em parceria com as universidades designadas para formar os professores de Santa Catarina (Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC] e a Universidade do Estado de Santa Catarina [UDESC]) realizaram uma pesquisa que avaliou o desenvolvimento do projeto. Tal estudo foi publicado pela editora EDUFBA, intitulado “Projeto UCA: entusiasmos e desencantos de uma política pública”.

Com a leitura desta publicação é possível acompanhar o impacto e transformações do UCA nas dez escolas selecionadas na Bahia e nos 12 colégios eleitos de Santa Catarina. Inicialmente, o modelo de políticas públicas centrado na adesão de projetos levou a gestão das escolas a uma série de obrigações, como no caso em questão, reformas de espaços físicos (PRETTO, 2015 in.: QUARTIERO; BOLINNA; FANTINI). No decorrer da inserção da nova tecnologia nas instituições, percebeu-se a ausência de diálogo entre o Ministério da Educação (MEC) e as escolas, além da dificuldade das gestões em direcionar recursos para as adaptações estruturais nas salas de aula.

Observando a realidade das instituições públicas de educação básica e a implementação de programas impostos pelo governo federal, onde o MEC

determina um projeto padrão para ser inserido nos colégios de maneira homogeneia, pode-se considerar que:

É importante ressaltar a ausência ou, pelo menos, a ineficiência de políticas públicas federais e estaduais em diversos campos, e não só para a educação de forma a compreender que os desafios impostos pelo mundo contemporâneo para a educação demandam ações integradas e integradoras que articulem diversos ministérios e secretarias. (PRETTO, 2011; in QUARTIERO; BONILLA; FANTIN, 2015, p. 39)

Para tanto se faz necessário a elaboração de ações produzidas de forma colaborativa, por meio de uma gestão democrática, na qual os agentes da educação sejam ouvidos e considerados. “As ações do governo têm acontecido numa relação vertical, em que de fato, não acontece o regime de colaboração propalado pelos diferentes órgãos dos entes federados” (PRETTO, 2011; in QUARTIERO; BONILLA; FANTIN, 2015, p.42).

Das dificuldades enfrentadas pelas comunidades escolares com os laptops, a mais evidente foi a manutenção dos equipamentos. Conforme relatos do gestor de uma das escolas: “Esses equipamentos têm vida útil e me parece que o governo não pensou nesse detalhe. Atualmente, todo o estoque de reserva foi utilizado para reposição.” (QUARTIERO; BONILLA; FANTIN, 2015, p. 8). As instituições que optaram por manter os laptops nas escolas tiveram menos prejuízos. Dentre as dificuldades no decorrer do desenvolvimento do projeto, QUARTIERO (2015) destacou: rede elétrica inadequada, velocidade da rede, falta de pen drives e mouses e ausência de tomadas para carregar os equipamentos.

Nesse contexto, os gestores das instituições contempladas viram o UCA como um desafio:

Há depoimentos em que os gestores enfatizam a dificuldade de motivar os professores para aperfeiçoarem-se para sejam capazes de desenvolver atividades significativas e que realmente contribuam para a aprendizagem dos alunos. Entre os alunos destacam a importância de convencê-los que os laptops não são brinquedos para jogar e acessar as redes sociais, mas mediações pedagógicas de aprendizagem. É nesse aspecto que encontramos a maior resistência do grupo de gestores: um olhar diferenciado aos

usos que os alunos fazem dos equipamentos e suas potencialidade para a aprendizagem.
(QUARTIERO, 2015, p. 92)

Assim, além das dificuldades enfrentadas no início da inserção do UCA – questões estruturais e técnicas - as crenças e posturas de cada gestão somadas às competências dos educadores, tornaram o desenvolvimento do programa ainda mais complexo. No que se refere aos professores, a pesquisa das universidades formadoras identificou que:

Mesmo aqueles [professores] que já interagiam com interfaces proprietárias, frente àquelas instaladas nos “uquinhas”, sentiam estranhamento e dificuldade para compreender o novo sistema, o que evidencia que o digital ainda não faz parte da cultura desses professores e que as competências de saber usar/operar os softwares livres, conhecer, saber, gerir e mediar questões relacionadas aos softwares livres, direitos autorais, creative commons e aos conteúdos abertos proposto por Fantin e Rivoltella (2012), ainda não se constituíram. (QUARTIERO, 2015, p. 93)

Apesar das barreiras encontradas, o projeto proporcionou aos profissionais da educação o estreitamento com outras comunidades escolares também contempladas com o programa. Gestores e professores de escolas diferentes buscaram manter o diálogo com o objetivo de resolver os percalços identificados no ensino-aprendizagem com o uso da TCI. Os educadores também ressaltaram que, além de proporcionar a inclusão digital, os estudantes ficaram mais concentrados com o uso dos laptops e também ajudavam uns aos outros.

“A impressão que eu tenho é que eles se ajudam mais, porque um sabe mais um pouquinho que o outro, então vai lá, é um trabalho mais em grupo, [com] mais ajuda entre eles.” [professor 4 da escola S] (QUARTIERO; BONILLA; FANTIN, 2015, p. 135).

Em relação as atividades propostas com o uso do laptop, Bonilla e Fantin (2015) consideram a aprendizagem colaborativa ainda superficial e pouco construtiva, na medida em que não há, na maioria das aulas, estímulos à autonomia dos estudantes. As mediações são muitas, mas há pouca realização de ações interacionais e criativas propostas pelas redes sociais, por exemplo.

O UCA sobrevive ainda em escolas que conseguiram driblar as inúmeras dificuldades e adaptaram a proposta inicial de um computador por aluno para o rodízio de estudantes; outras instituições limitaram o uso do laptop apenas na escola, enquanto umas desistiram da proposta, a saber:

A escola está com um amontoado de uquinha com defeito, sem condição de conserto e sem saber o que fazer com eles (...) Onde deixa-los? A escola está pedindo ajuda, pois não tem condição de armazenar 'lixo'." Professora formadora, 2013 (PRETTO e COELHO, in.: QUARTIERO; BONILLA; FANTIN, 2015, p. 45)

Sem reposição de equipamentos e sem avaliação técnica e pedagógica do MEC desde a implantação do programa, o pesquisador em Educação Nelson Pretto aponta o risco de não continuidade do UCA "já que não se percebe com clareza, a intenção do governo em promover mais investimentos nem de fazer uma profunda análise sobre a sua implantação" (QUARTIERO; BONILLA; FANTIN, 2015, p. 51). Há de se considerar ainda que o programa é uma política pública iniciada no governo Lula, continuando na gestão de Dilma Rousseff - embora tenha ficado órfão na transição dos governos dos petistas – e que atualmente, encontra-se nas mãos do governo vigente com o presidente interino Michel Temer. Em meio ao cenário político conturbado e a crise econômica do governo federal, não se sabe qual será o rumo do UCA.

2.2.2 Uma escola com a experiência UCA

Localizada no Subúrbio Ferroviário de Salvador, no bairro Mirante de Periperi, a Escola Estadual Lindeberg Cardoso foi selecionada em 2010 para participar do projeto piloto UCA. A instituição atende estudantes de 8 a 23 anos, do Ensino Fundamental II (6º ano ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 3º ano). A comunidade do entorno é formada por moradores de baixa renda e de classe média, há muitos desempregados famílias humildes constituídas, a maioria, pela presença da mãe e dos avós, segundo informações da própria escola.

Os laptops chegaram à escola em 2011, quando os professores passaram por formação promovida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Os docentes da escola relataram que a ideia do UCA foi interessante para apresentar aos estudantes um aparelho digital que eles não tinham acesso,

entretanto não havia internet disponível para elaborar atividades diversificadas; o aparelho servia apenas para digitação e produção de tabelas.

Inicialmente os computadores ficavam na escola, mas como não tinha muita utilidade em todas as aulas, a direção convocou os responsáveis pelos estudantes para assinarem um termo e levarem nos finais de semana os “Uquinhas”. A ideia, segundo a gestão, era que eles pudessem se familiarizar com os equipamentos e até acessassem à internet caso tivessem em suas residências.

Durante a implantação do programa, um dos primeiros problemas elencados pela escola foi a falta de tomadas para carregar os equipamentos:


Não tínhamos tomadas suficientes e arranjamos recursos para instalar mais. Quando conseguimos e começamos a usá-las, um tempo depois, o governo reclamou que a conta estava alta. Não tivemos condições ideais para desenvolver o projeto. (Professora da escola Lindembergue Cardoso).

O outro fator que reduziu o potencial das atividades com o laptop foi a ausência de internet. Ainda que instalada, não havia sinal.

A posição geográfica da escola não facilitava o acesso à internet. Além disso, o UCA travava muito e tinha pouca memória. Tentávamos fazer milagre. (Professor da escola Lindembergue Cardoso).

segunda-feira, 11 de julho de 2011

Relato sobre o projeto UCA

 ESCOLA ESTADUAL LINDEMBERG CARDOSO - Salvador
por [Maristela Midlej](#) - quinta, 7 abril 2011, 12:07

Relato

No dia 03/02/2010 tivemos, juntamente com o NTE (Kleber, Selma e Lea), o segundo encontro de formação da Escola Estadual Lindemberg Cardoso. Do total de 24 professores, contamos com a presença de 16 que tiveram a oportunidade de externar suas expectativas, demandas e anseios em torno no uso dos laptops em sala de aula. A escola recebeu 550 computadores e possui mais de 600 alunos, existindo, portanto, a necessidade de uma complementação. Desses recebidos 3 já apresentaram defeito. Apresentamos de modo panorâmico o projeto, bem como a estrutura geral da formação. Tivemos dificuldade em ampliar as discussões por não contarmos com a internet, o que inviabilizou o acesso aos Ambientes virtuais de aprendizagem.

Além da dificuldade de acesso, a escola está muito aquém de uma estrutura minimamente adequada para o trabalho com os notebooks. Não possui acesso a internet e nem pega celular o que inviabiliza também a utilização da internet móvel. Para que as atividades de formação pudessem ser encaminhadas dentro de um ambiente virtual de aprendizagem, os dois próximos encontros de formação vão ocorrer nos dias 15 e 16\02. Faremos uma reunião de planejamento no dia 10\02 para este encontro de formação. Sentimos a necessidade de buscar, de algum modo, o acesso a internet na unidade escolar para que o objetivo da inclusão digital dos alunos seja alcançado. A quem poderemos recorrer?

(Editado por [Erica Bastos](#) - domingo, 14 novembro 2010, 21:02)

Postado por [Escola Lindemberg Cardoso](#) às 16:52

Print do texto postado no blog da escola Lindemberg Cardoso (2011)

Embora os responsáveis pela formação dos professores - o grupo de pesquisa de Educação, Comunicação e Tecnologia da UFBA - tenham acionado a ANATEL para resolver o problema de conexão da escola, o UCA foi distribuído, inserido em sala de aula e extinto sem que em nenhum momento houvesse a internet na instituição. Além disso, os professores também se queixaram da formação ofertada, para eles deveria acontecer na unidade escolar sem que precisassem se locomover para outra instituição:

O UCA tem um software diferente do que costumamos usar, o Linux, e isso exigia maior envolvimento. Alguns professores mais velhos que estavam perto de se aposentar, sem ter muita afinidade com a tecnologia, recusaram trabalhar com o equipamento. Quem se engajou tinha que ir para o Instituto Anísio Teixeira e outras escolas para participar da formação. Mas não houve capacitação continuada, foram momentos pontuais, e no fim recebemos certificados com carga horária bem menor do que tínhamos participado. (Professor da escola Lindemberg Cardoso).

Em suma, professores e estudantes receberam o UCA com muito entusiasmo, mas a medida em que os problemas de implantação, falta de internet, manutenção e formação apareciam, o desânimo crescia e o projeto se desfazia. Há três anos o UCA já não faz parte das didáticas em sala de aula. Mas, durante a visita à escola, em agosto de 2016, um dos estudantes do 2º ano do EM disse ainda ter o laptop e usá-lo de vez em quando para acessar a internet em casa. O jovem de 20 anos recebeu o “uquinha” ainda no 6º ano, desde então conserva o equipamento fazendo atualizações do software.

2.3 Considerações sobre o projeto UCA

A visita à escola Lindembergue Cardoso contribuiu para observar como as políticas públicas de inclusão digital precisam ser planejadas com objetivos que considerem as diversidades de contexto das escolas, precisando ainda de formação e avaliações constantes. Além do mais, o desenvolvimento do programas ofertados pelo MEC deveriam contemplar o apoio técnico-pedagógico e o diálogo contínuo entre os participantes, principalmente por se tratar de um projeto piloto que deveria experimentar e observar as ações necessárias, as que dão certo e os percalços encontrados durante a execução.

Pode-se considerar também, que a falta de integração entre apoio técnico, capacitação continuada dos professores e gestores e estrutura física adequada colaboraram para a dispersão do UCA. Desfeito o projeto, os estudantes que participaram ficaram com um laptop para fazer as atividades que achassem melhor em suas casas. Já os gestores e professores ficaram frustrados com a ação vertical do MEC, muitos descrentes da política educacional usaram frases, como: “A educação dá dois passos pra frente, pra retornar quatro atrás”.

2.3.1 Iniciativas da gestão pós projeto

Apesar do desânimo deixado pelo projeto UCA nos docentes, a direção da instituição destacou que não se pode depender apenas de ações vindas do governo. Por isso, a gestão do colégio tem investido em iniciativas com base nas carências da própria realidade e desde o início de 2016, por exemplo, se

organiza para a produção de um museu tecnológico com aparelhos antigos e em desuso, que ficavam amontoados em uma sala da escola.

A ação conta com a colaboração dos estudantes que também desenvolveram um projeto de Artes com atividades a serem apresentados na escola e na comunidade. Eles ainda criaram uma rádio para ouvirem músicas e informações no pátio da escola. Os estudantes que participam desses projetos frequentam a instituição em um turno e no outro retornam para auxiliarem os colegas e desenvolverem os projetos.

Quanto à internet no colégio, atualmente está disponível para o acesso somente de professores e gestores em uma sala específica. Para o uso dos estudantes, há uma sala estruturada que servirá de laboratório de informática, porém até meados de setembro de 2016 os computadores ainda não tinham chegado.

A gestão da escola concluiu que embora haja políticas públicas inviabilizadas, recursos escassos, estruturas precárias e processos burocráticos lentos de liberação de material, é preciso acreditar na educação e nos estudantes para que a escola tenha sentido. “Não adianta reclamar, é preciso fazer com amor”, concluiu a gestora da escola Lindembergue Cardoso.

3. Análise das escolas estaduais baianas

A rede pública estadual da Bahia, em Salvador, atende um total de 218.194 mil estudantes em 232 escolas, sendo 94.698 do Ensino Médio (EM). Os dados são da Secretaria de Educação do estado, referentes ao ano de 2016. Muitas escolas atendem tanto o Ensino Fundamental quanto o EM, com 31 exclusivas para as últimas três séries da educação básica.

Para conhecer os estudantes e observar o processo de midiatização das escolas foram aplicados questionários direcionados aos educandos em quatro instituições com turmas do 3º ano do EM, em regiões diferentes da capital baiana. O primeiro critério para a escolha foi buscar escolas que têm proposta de instituição modelo, devendo por tanto ser exemplo para demais. O segundo

critério foi pulverizar a pesquisa em regiões diferentes de Salvador, portanto optou-se por escolas situadas tanto em bairro posto como nobre até áreas suburbanas. Nenhuma das escolas desta pesquisa fizeram parte do UCA, uma vez que a intenção é identificar como acontece o uso das novas tecnologias a partir de uma visão mais ampla da rede estadual, tomando como base os quatro colégios eleitos.

A opção pelas turmas da última série do Ensino Médio se deu por considerar que são jovens de 17 a 20 anos que tem um envolvimento maior com a internet, tanto pela idade, quando pela necessidade de buscar mais informações para se prepararem para o Exame Nacional do Ensino Médio, e ainda por terem potencial de gerenciamento do próprio acesso em rede. Em cada escola, 25 jovens responderam o questionário (em anexo), contabilizando 100 estudantes no total. Ainda houve conversa informal com os professores e diretores das instituições sobre o processo de midiatização das escolas.

3.1 Modo de navegação para realizar a pesquisa – Metodologia

Partindo da premissa que a sociedade contemporânea cada vez mais digital exige pessoas habilitadas para interagir com as novas formas de comunicação, entende-se que deve haver uma educação formadora nas escolas para que utilizem as tecnologias da informação para construção de conhecimento. Portanto, a atual pesquisa começou a partir da necessidade em compreender os traços do processo de midiatização das escolas públicas, bem como a inclusão dos jovens estudantes na sociedade em rede.

A primeira etapa do estudo foi a pesquisa bibliográfica, selecionando teóricos e pesquisadores da área de comunicação e educação, com temas de interesse em sociedade em rede, midiatização e educação digital; também houve a coleta de dados, sobre uso da internet pelos jovens, através do Comitê Gestor de Internet no Brasil. Em seguida, fez-se a seleção de literatura para embasar o corpus desta pesquisa que pode ser classificada em três tipos:

- a) Qualitativa, pois ocupa-se em analisar os aspectos nas escolas públicas que não podem ser mensurados em números, bem como as expectativas, comportamentos e atitudes. Este método permite uma abordagem interpretativa dos fatos, em um aprofundamento das relações e dos fenômenos que, conforme Minayo (2001) não pode ser resumida em simples porcentagens.
- b) Descritiva, com a observação participativa, observando a realidade de escolas públicas por meio de registros e interpretação dos fatos sem a interferência do pesquisador-observador, com o objetivo de identificar e analisar as características e ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou o processo, para em seguida considerar os efeitos resultantes (Perovano, 2014).
- c) Quantitativa, levando em consideração que a quantificação dos dados também é importante para se chegar às considerações sobre o fenômeno, adotou-se tal método para calcular hábitos e comportamentos dos pesquisados. Assim, por meio da quantificação dos dados o pesquisador consegue subsídios para responder às questões postas no objetivo. (Falcão e Régner, 2000)

A segunda etapa foi pautada nos métodos elencados para o encaminhamento desse estudo: pesquisa de campo através de visitas em quatro escolas da rede estadual de Salvador. Entrevistas não estruturadas com os professores e gestores sobre o uso das mídias nas escolas, com o objetivo de identificar como cada colégio está inserido no processo de midiatização. E questionários estruturados e semiestruturados, através de perguntas fechadas e abertas, direcionados aos estudantes, para constatar de que maneira eles estão conectados na sociedade em rede.

A conversação com os educadores aconteceu de maneira informal para descrever, como as atividades são realizadas nas classes, se há o uso da internet e quais as novas tecnologias disponíveis na escola para lecionar. Com os gestores as perguntas foram feitas para saber a quantidade de recursos tecnológicos disponíveis, o tipo de conexão com a internet na escola, e como a gestão conduz o uso das novas formas de comunicação.

Com os estudantes, as questões foram mais específicas para identificar como, onde e o que eles acessam na internet (questionário em anexo). Em cada colégio foram aplicados 25 questionários, contabilizando 100 estudantes entrevistados; três professores/professoras de cada colégio colaboraram com informações,

contabilizando um total de 12 (entrevistados e entrevistadas); e um(a) gestor(a) de cada instituição, portanto, um total de quatro profissionais dessa área.

A visita em cada escola aconteceu em dias diferentes, entre junho e julho de 2016, permanecendo durante um turno (cerca de cinco horas) observando os professores, os estudantes e a estrutura da instituição. Os questionários foram aplicados durante o horário de disciplinas, em um tempo médio de 20 minutos, em duas escolas não foi preciso usar o tempo dos professores, uma vez que os estudantes estavam com horário vago por ausência do docente.

Após a pesquisa de campo, buscou-se mais referências sobre estudos em uso das TCIs nas escolas de Salvador. E neste momento, o grupo de pesquisa em Educação Tecnologia e Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) mediado pelo professor Nelson Pretto serviu de alicerce para fundamentar este trabalho com estudos atuais na área de educação digital e viabilizou o conhecimento sobre a política pública Um Computador por Aluno (UCA) que contemplou algumas cidades da Bahia. Uma dessas instituições está localizada no Subúrbio de Salvador, Escola Lindeberg Cardoso, da rede estadual de ensino – onde aconteceu uma visita com o objetivo de conhecer os impactos do projeto piloto UCA.

3.2 Escola em Itapuã – educação para dar certo, mas...



Foto: Reprodução blog Itapuan City, in.: <http://itapuacity.com.br/alunos-e-diretoria-do-rotary-adotam-medida-extrema-para-manter-aulas-apos-paralizacao-de-terceirizados/>

A primeira visita aconteceu no Colégio Rotary em Itapuã. Uma escola grande, localizada na Ladeira do Abaeté. Muros altos, um pátio da entrada espaçoso e acesso às salas por rampas que se estendem em três andares. A secretaria, diretoria e sala dos professores ficam logo após o pátio da entrada. Na manhã em que os questionários foram aplicados nesta escola, o gestor se ocupava com a Ronda Escolar, acompanhando os policiais militares que circulavam o colégio.

Segundo a direção da escola, a Ronda Escolar é uma ação do governo estadual para evitar pequenos furtos na porta da instituição e na rua de acesso. Ainda assim, os policiais percorreram todos os corredores do colégio. Para o diretor, a ação era necessária, pois mostrava aos estudantes que a polícia estava presente - fato que mais uma vez me recordou a escola apontada por Foucault – Mas, desde a aparência impecável do diretor até a sua visível preocupação com os acontecimentos corriqueiros do ambiente escolar, a impressão que se tem é que a gestão se esforça para dar certo.

A pesquisa foi realizada em uma turma que estava sem aula, onde os estudantes encontravam-se organizados em fileira e bem comportados para uma classe sem professor. A sala estava arejada, pois o local permitia a circulação do ar e

como em todas as demais instituições do estado, sem ar condicionado. A climatização é feita por ventilador e janelas que permitem a circulação do ar.

No colégio Rotary há um laboratório com 20 computadores, mas pouco usado pelos professores. A internet é disponibilizada mediante merecimento, a partir da realização de um cálculo proposto pela gestão, quem descobre o resultado descobre a senha do wireless. Entretanto, o próprio gestor informou que nem sempre a conexão é boa.

Na sala dos professores alguns profissionais se queixavam do estado de saúde e do cansaço, ao mesmo tempo em que revendedoras de produto de beleza tentavam demonstrar o material oferecendo limpeza facial aos educadores no momento do intervalo. A ação comercial não teve muito sucesso, apenas uma professora se interessou, os demais ignoraram.

Ao serem questionadas sobre o uso da internet na educação, três professoras relataram a maneira como observam o uso da Internet pelos jovens, e como elas têm explorado essa mídia. Segundo relato, os jovens não sabem utilizar a internet para estudo, apenas para trocarem mensagens ou passarem o tempo. Além disso, ainda destacaram que quando a pesquisa é feita pela internet, os estudantes apenas copiam e colam, por esse motivo valorizam a escrita e assim exigem que tais trabalhos sejam feitos à mão. Por outro lado, dois educadores sinalizaram que permitem o celular com conexão em sala de aula para servir de consulta nas atividades, e ainda criam grupos de e-mail para informar sobre os exercícios.

Alguns dias após a visita ao Rotary, o colégio esteve no noticiário da televisão por conta da falta de porteiros e profissionais da limpeza. A escola estava muito suja e com os banheiros dos estudantes interditados. A situação aconteceu por causa da greve dos servidores terceirizados que estavam sem receber das empresas licitadas pelo estado. Esse foi um fator que dificultou esta pesquisa, uma vez que muitas escolas, depois do recesso entre junho e julho de 2016, não retomaram as atividades na data prevista.

3.2.1 Colégio na Pituba - lugar feito para ser ideal, porém...



Foto: Divulgação/ Ascom Governo do Estado (2015)

Localizado em um bairro nobre de Salvador, na Pituba, o Colégio Estadual Raphael Seravalle foi o segundo a ser visitado. Tem uma área de estacionamento para mais de 30 carros, pátio coberto e salas que se estendem em corredores feito labirintos. A instituição é muito bem vista pelos educadores, sendo considerada como uma instituição modelo.

No período matutino há aulas para o Ensino Fundamental (EF) e no vespertino para o Ensino Médio. Os estudantes além de aulas de inglês, também contam com espanhol e francês - essa última língua é uma raridade nas escolas públicas.

Os professores se mostraram bastante engajados às novas tecnologias e à importância delas para o ensino. Nas turmas do 7º ano do EF, por exemplo, há uma disciplina específica para orientar os estudantes quanto ao uso das tecnologias para aperfeiçoar os estudos. A gestão da escola também solicita aos professores que as atividades feitas pelos alunos, principalmente do EM, sejam

apresentadas por meio das TICs, como power point, ao invés de cartazes escritos à mão, ainda assim, há apenas um data show disponível para uso.

Entretanto nem tudo funciona como os gestores e educadores gostariam, a falta de internet e notebooks em sala de aula é um dos empecilhos apontados pelos profissionais da educação. Na escola há um laboratório de informática com 19 computadores, mas é pouco utilizado. A internet do programa Banda Larga na Escola foi retirada pela Secretaria da Educação que prometeu um novo sistema de conexão. Até o retorno do segundo semestre de 2016 ainda não havia conexão na escola, apenas para os professores por meio do tablet educacional.

As salas de aulas, assim como no colégio Rotary, estavam sujas e o odor dos banheiros pairavam pelo ambiente misturando-se com o clima tropical. Na sala onde os questionários foram aplicados, dos dois ventiladores, somente um funcionava e não dava conta de amenizar o calor e o mau cheiro vindo dos publicamente a falta de internet: “estamos conectados, mas não aqui na escola”, destacaram.

3.2.2 No Subúrbio - escola para ser modelo, entretanto...



Faixa da Colégio de Praia Grande/ Foto pública: Reprodução/ Google Maps (2016)

O Colégio Estadual de Praia Grande, em Periperi, foi construído para ser referência escolar no Subúrbio Ferroviário de Salvador, mas com as condições de ensino e estrutura em que se encontra, há cerca de seis anos, tal proposta não pode ser considerada. Quando foi inaugurada, a instituição era a “menina dos olhos” de professores e estudantes por ter um espaço amplo, acessibilidade, salas de multimídia, laboratórios, biblioteca. O lugar era comparado a um shopping devido ao tamanho e arquitetura, entretanto com a falta de manutenção o espaço tornou-se mais uma escola da rede estadual, repleta de problemas.

No dia em que o questionário foi aplicado nesta instituição, cessava a paralisação das atividades da escola devido à falta de funcionários para limpeza, portaria e merenda. Os estudantes estavam ansiosos para retomar os estudos e alguns professores desanimados com as condições de trabalho. A educação neste espaço ocorre através de uma pedagogia tradicional, com aulas expositivas usando a lousa branca e o piloto, geralmente, os trabalhos dos estudantes são feitos em papel pautado e com cartazes.

Na escola há apenas um data show disponível para uso dos professores, mas não é utilizado pois apresenta problemas técnicos. A internet do programa banda

larga na escola foi instalada nesta instituição, mas não funciona. No laboratório de informática há 19 computadores sem conexão e todos em desuso. Das duas salas de multimídia somente uma é utilizada – onde fica o data show. Os educadores sinalizaram que não usam o espaço por convenção, uma vez que não há quantidade disponível do recurso de reprodução de slides para todos os professores, e por perderem muito tempo tentando colocar o equipamento para funcionar. A gestão também não exige dos educadores atividades com o uso das novas tecnologias, por não proporcionar material suficiente e em boas condições.

Apesar das dificuldades em realizar uma pedagogia contemporânea com uso das mídias, os estudantes dessa escola tiveram a oportunidade de realizar um curso online de Ciências, através da iniciativa da professora de Biologia que orientou os alunos por meio de atividades na modalidade Ensino a Distância (EaD). Os demais professores relataram muita dificuldade em realizar as atividades, até mesmo nas avaliações quantitativas, como os testes, uma vez que não há disponibilidade na escola para impressão desse material, apenas para as avaliações finais de cada unidade.

3.3 No Solar do Sodré – conservando o passado, mas o presente...



Faixa da Colégio Ipiranga/ Foto pública: Reprodução/ Google Maps (2016)

O último colégio a ser visitado está localizado na Rua do Sodré, no Bairro Dois de Julho, em um imóvel tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O espaço foi construído no século XVII e foi onde morou o poeta Castro Alves nos seus últimos anos de vida. Por estar locado em um lugar que conserva a memória e requer procedimentos burocráticos para intervenções, a escola há anos não passa por reforma. A fachada está sem pintura, com corrosão nas paredes e apenas uma placa discreta, no estilo brasão ao lado da porta de acesso, sinaliza que ali é o Colégio Estadual Ipiranga.

Além do aspecto antigo e da estrutura física desgastada, na escola o processo de mediação é complicado. Não há internet disponível para os estudantes e o laboratório de informática não funciona há tempos. Uma das professoras da instituição disse que a sala onde estão as máquinas virou um “cemitério de computadores”, e que os estudantes descobriram a senha da internet da biblioteca, mas apenas quando estão próximos do local conseguem utilizar. Os educandos por sua vez explicaram que a direção não permite mais o acesso à rede por que alguns alunos estavam trocando a biblioteca (devido à internet) pela aula.

A escola traz a proposta inovadora do ensino integral, onde os estudantes permanecem os dois turnos na instituição (manhã e tarde). Entretanto, com a falta de funcionários para ministrar as oficinas no turno vespertino e a paralisação dos terceirizados da limpeza e vigilância, as aulas na modalidade integral custaram a começar efetivamente. Ainda por conta do ensino integral, a gestão informou que perdeu muitas matrículas, já que alguns educandos não aceitaram a ideia de ter que passar o dia todo no colégio.

Na escola há apenas uma turma do 3º ano do EM e boa parte deles trabalham pela tarde. Os estudantes, que frequentam as aulas o dia todo, disseram que até o início do segundo semestre de 2016 estudavam pela manhã as disciplinas obrigatórias do currículo e pela tarde havia revisão para o ENEM. Portanto, o colégio Ipiranga tem oferecido aos estudantes participantes desta pesquisa apenas aulas teóricas do currículo padrão, embora a proposta pedagógica do ensino integral seja muito maior. Leia-se a seguir a proposta da educação integral:

Nessa direção, ancoramos o lastro conceitual de uma educação no seu sentido mais amplo, enquanto prática social, de natureza integral, integrada e integradora. Um processo de desenvolvimento humano e social, plural, que considera a multilateralidade, a multidimensionalidade e a multifatorialidade que configura a vida do sujeito, corroborando para a formação de uma pessoa crítica e autônoma do processo de mudança e transformação da realidade sociocultural, econômica e política na qual está inserida. (Programa de Educação Integral com ampliação da jornada escolar para o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio da Rede Estadual da Bahia.)

Na teoria, a ideia dessa educação é bem interessante, mas se esbarra nos diversos problemas do sistema escolar público. Falta profissionais capacitados para as oficinas de artes e musicas, assim como não há material para aulas práticas. Como pensar em um ensino multifatorial se a realidade interacional do estudante é ignorada em sala de aula? Como pensar em usar o contexto sociocultural dos educandos para a transformação se o movimento da cibercultura é negligenciado? A midiaticização nos colégios caminha a passos lentos, apesar dos bonitos discursos nos documentos, nas práxis ainda tentam emancipar e tornar os estudantes autônomos como se educassem os jovens do passado.

3.3.1 Análise de dos coletados

DESCRIÇÃO	ESCOLA 1 Itapuã	ESCOLA 2 Pituba	ESCOLA 3 Periperi	ESCOLA 4 Centro
Ausência de internet para estudantes	95%	100%	100%	68%
Estudantes com pacote de internet no celular	5%	10%	64%	48%
Internet na residência	88%	100%	84%	84%
Estudantes que frequentam lan house	12%	Nenhum	8%	12%
Possuem conta de e-mail	100%	100%	100%	92%
Usam a internet para estudar	100%	100%	92%	84%
Já fez curso online	16%	20%	80%	16%
Site mais acessado	Facebook	Facebook	Facebook	Facebook
Conectados todos os dias	96%	96%	88%	100%

3.3.2 A internet nas escolas

A partir da pesquisa realizada ficou evidente que as escolas não promovem efetivamente a inclusão digital dos jovens, principalmente por que não disponibilizam de acesso à internet. Na escola 1 a conexão pode ser realizada pelos jovens conforme merecimento, caso eles consigam resolver um problema matemático. Ainda assim, a conexão é lenta e a maioria dos estudantes não reconheceu essa oferta como uma wi-fi livre para uso. Portanto, 95% afirmaram não haver internet disponível para acesso.

Na escola 2 e na escola 3 nem mesmo os professores conseguem usar a internet das respectivas instituições, dessa forma a afirmação da falta de conexão foi unânime pelos estudantes. Já na escola 3, apesar de oficialmente não haver uma internet para acesso dos educandos, o fato de alguns alunos terem descoberto a senha da conexão da biblioteca e terem compartilhado com os demais, pode ter levado a uma afirmação menor (comparando com as outras escolas) sobre a ausência de internet para os alunos e alunas, numa margem de 88%.

Uma das estudantes da escola 3 destacou que a maior queixa com relação à internet é a ausência de conexão na escola.

Há alguma queixa quanto ao uso da internet?

Somente na escola, devido à falta de acesso e a falta de professor de informática. (estudante escola 3)

3.3.3 A conexão via pacote de dados de celular

Apesar de terem celular, nem todos os estudantes dispõem de pacote de dados para conexão no equipamento, e essa questão foi a mais destoante entre as escolas. Os estudantes com mais acesso pré-pago à internet no celular são da escola 3 (64%), localizada no subúrbio, em uma região considerada de difícil acesso. Em contrapartida, a escola com um índice menor de uso do celular para

conexão paga é na escola 1, em Itapuã, com 5% de jovens se conectando através dos pacotes de dados. Na escola 2 na Pituba 10% usam esse recurso; e na escola 4 dos 25 entrevistados, 12 estudantes usam o pacote de dados, representando 48%.

3.4 A conexão nas residências

Os dados mostram que a maioria dos estudantes se conecta à internet em suas residências. Tal afirmativa foi unânime na escola 2, Pituba, em seguida está com 88% a escola 1, em Itapuã, e com 84% de acesso ambas as escolas 3 (Periperi) e 4 (Centro). Talvez a conexão disponível no domicílio possa refletir no número de estudantes que tenham ou não pacote de dados no celular, uma vez que as escolas com maior índice de internet na residência são as com menor registro de internet pré-paga.

3.4.1 Os jovens frequentam lan house cada vez menos

Os centros privados para acesso à internet tiveram o auge no final dos anos 90 quando os computadores e a conexão nas residências ainda eram para poucos.

O avanço da internet e o desejo por estar conectado motivaram o aumento das lan houses nos centros urbanos. Diante do crescimento da penetração do computador pessoal, internet domiciliar e oferta da rede wi-fi por centros comerciais de fluxo como shoppings, lanchonetes, etc., as lan houses deixaram de ser um negócio lucrativo e foram desaparecendo das zonas centrais. (BORGES, 2009, p. 222).

A Monkey, primeira rede de lan house no Brasil, foi inaugurada em 1998 em São Paulo. Em 2003 essa empresa tinha mais de 50 filiais pelo país, mas a aquisição de computadores pelas famílias e a popularidade da internet provocaram o declínio das lan houses. Embora alguns centros de acesso a computadores sobrevivam pelo Brasil, em 2010, a última filial da Monkey teve as atividades encerradas.

Das escolas que participaram desta pesquisa, três têm registros de estudantes que frequentam lan house: as escolas 1 e 4 com 12%, a escola 3 com 8% e a escola 2 sem alunos ou alunas que frequentem, uma vez que comparado aos

dados de estudantes com internet na residência, nesta mesma escola todos e todas responderam disponibilizar de acesso em suas casas.

3.4.2 A conta de e-mail como um requisito obrigatório

A pergunta sobre ter uma conta de correio eletrônico, no questionário aplicado, por vezes foi preenchida com palavras, como: “óbvio” e “claro”. Mostrando dessa forma, que hoje em dia ter um e-mail – aplicativo criado por Ray Tomlison na BBN (CASTELLS, 2001) - é como ter um número de celular, ou até mesmo um endereço que demarque o território da pessoa.

O correio eletrônico surgiu nos primórdios da Internet, sendo um dos primeiros serviços dessa rede, também chamados de serviços básicos. O serviço foi desenvolvido para facilitar a comunicação entre os pesquisadores que trabalhavam no projeto da rede e que pertenciam a diferentes instituições de pesquisa dispersas, pelos EUA. (RNP, Instituto Tamis, 1997)

Apesar da condição *sine qua non* do e-mail para fazer parte da era da informação, ainda há estudantes sem tal endereço, a exemplo do registrado na escola 4, no Centro de Salvador, onde dos 25 entrevistados dois alunos não têm uma conta.

3.4.3 Estudando com o auxílio da internet

As famosas coletâneas (enciclopédia Barsa) que tentavam abrigar o máximo de conteúdo possível, servindo de auxílio para os estudos, viraram relíquias. Com todos os sites de buscas on-line, com os portais de acervo para leitura de livros com domínio público, arquivos de artigos científicos e diversos textos informativos, a internet tem sido o mecanismo mais ágil e prático para obter vários tipos de informação. Por isso, é usada pelos estudantes para pesquisar trabalhos escolares, assistir a vídeo-aula e fazer leituras. Na escola 1 e 2 todos os estudantes afirmaram usar a internet para estudar, na escola 3 há um percentual de 92% estudando on-line, e na escola 4 um índice menor, mas ainda relevante de 84%.

3.4.4 Participação em cursos online

A realização de cursos na modalidade Educação a Distância (EAD) ainda são realizados com pouca frequência e por poucos estudantes do Ensino Médio. Conforme consta no 1º artigo do Decreto 5.622, que caracteriza a educação a distância, tal modalidade educacional promove a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, na qual estudantes e professores desenvolvem atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Pode-se perceber que os estudantes incentivados através de um curso viabilizado por uma professora da escola 3, onde as atividades de ciência ocorreram na modalidade à distância em paralelo com as aulas presenciais, tiveram um índice maior de participação em curso on-line com 80%. Já nas escolas que não houve estímulo para os educandos, tem-se os números: escolas 1 e 4 com 16% e escola 2 com 20% dos estudantes que já realizaram um curso à distância.

3.5 Rede social favorita dos estudantes

O Facebook surgiu em 2004 desbancando o antigo Orkut, e atualmente é a rede social mais popular. No questionário foi solicitado que os educandos elencassem de 1 a 5 os sites mais acessados por eles, sendo o Facebook o preferido em todas as escolas. Em seguida, mas com menor incidência estão o Instagram e os sites de busca. E, quando a pergunta solicitava qual atividade eles gastavam mais tempo conectados, as redes sociais estão como maior motivo. Esse fato leva à constatação de que os estudantes usam a internet, principalmente, para o entretenimento – um dos estudantes da escola 3 pontuou que além do Facebook, também passa o tempo conectado vendo conteúdos pornográficos.

3.5.1 De conectados a sempre conectados

Embora nem todos os estudantes tenham dados de pacote para acesso à internet no celular, nem conexão disponível nas escolas, eles/elas afirmaram estar conectados todos os dias, sendo que alguns enfatizaram estar sempre

conectados. E ao serem questionados(as) sobre possíveis queixas com relação ao acesso à internet, os aspectos mais destacados foram: velocidade lenta, preço dos pacotes de dados e riscos de violência.

3.5.6 Principais queixas dos estudantes com relação a uso da internet

Estudantes da escola 1

- a) *Às vezes é muito lenta, mas dá “pro gasto”.*
- b) *Crimes virtuais como divulgação de vídeos ou fotos íntimas e cyberbullying.*

Estudantes da escola 2

- a) *No Brasil a internet tem uma péssima qualidade e com o valor muito alto, tem muitos problemas de rede.*
- b) *Em relação ao risco que passa para o usuário quando utilizada sem experiência.*

Estudantes da escola 3

- a) *Os dados da internet *reduz muito rápido.*
- b) *A queda do seu funcionamento (da internet) em tempos de chuva.*

Estudantes da escola 4

- a) *Apenas com relação à minha operadora, corta a minha franquia e me impede o acesso.*
- b) *A internet é muito boa, mas também pode facilitar a violência contra as crianças.*

Em todas as instituições foram constatadas queixas com a lentidão da conexão, visto que esta ocorre com predominância nas casas dos estudantes, sendo assim, a conexão que eles dispõem nas respectivas residências também são

limitadas, bem como os pacotes de dados no celular, que para eles é muito caro e acaba em pouco tempo. Outro fator observado é a consciência que os/as alunos(as) já começam a desenvolver com relação aos crimes virtuais e a cautela para com eles. Atitude que provavelmente advém muito mais das próprias experiências dos estudantes enquanto usuários da rede, e menos da orientação escolar.

3.5.4 Panorama geral da conexão dos estudantes

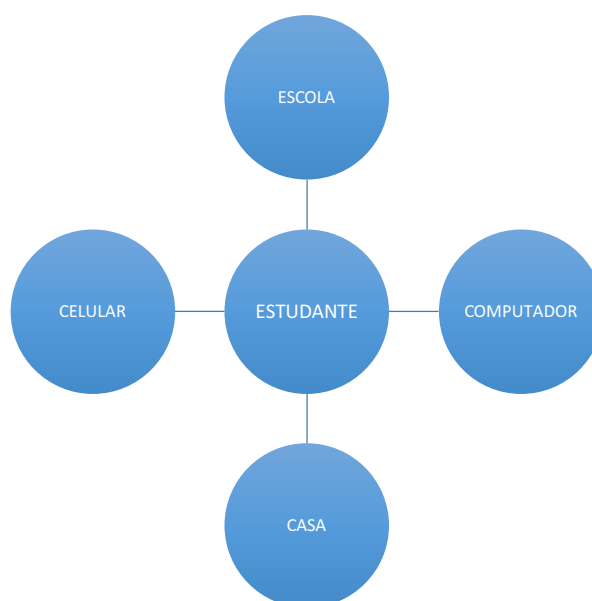
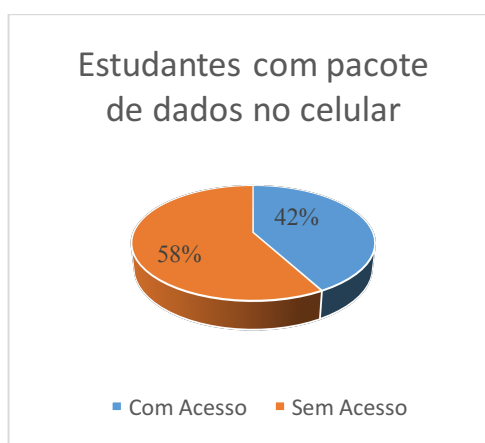
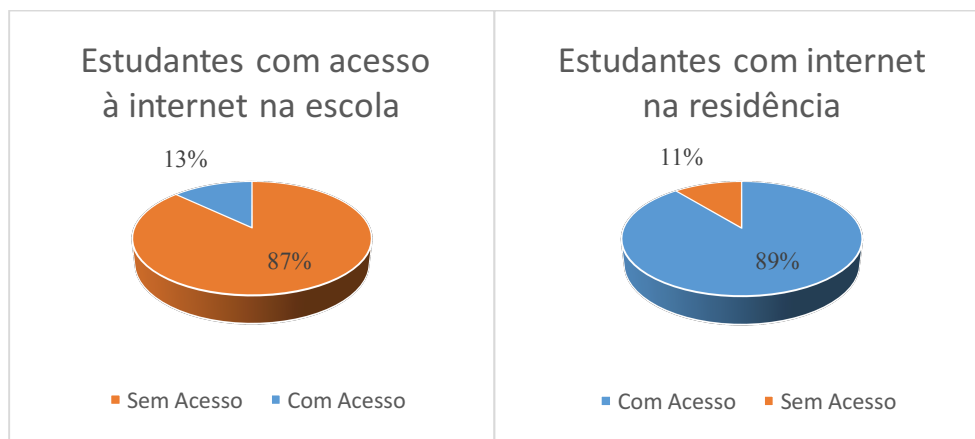


Figura dos fatores que envolvem a conexão

No processo de inclusão digital dos jovens estudantes há fatores cruciais que implicam na interação em rede, a saber: o local, onde o usuário faz ou não o acesso; e a ferramenta, o dispositivo tecnológico que permite o acesso à internet. Estes são basicamente resumidos em: a casa e a escola; o celular e o computador.



Dos cem estudantes que participaram desta pesquisa, 87% não têm acesso à internet na escola. Tal porcentagem mostra como os educandos estão excluídos das conexões em rede, no ambiente onde deveriam receber educação contextualizada com a sociedade e dispor de recursos de acesso à informação. Por outro lado, nas residências dos estudantes, a realidade é diferente e neste espaço a maioria está conectada; 89% dos entrevistados afirmara ter acesso à internet em casa, evidenciando que a restrição acontece com maior destaque nas unidades escolares. Ainda pode-se observar que há um número considerável de alunos e alunas, fazendo uso dos pacotes de dados dos celulares para manter a conexão, embora haja diversas queixas quanto ao uso desses dados (conforme mencionado no Cap.8.10). Pode-se constatar, de uma forma geral, que o acesso à sociedade em rede ocorre pela iniciativa e vontade/necessidade do próprio estudante em estar inserido na lógica da era digital. Contudo, a escola como principal mediadora da educação plural e

contextualizada, não inclui os educandos, ignorando por razões diversas a emergente tecnologia da informação.

3.5.5 Refletindo sobre atitudes e-ducativas na era da informação

Após estudo sobre educação na era da informação, com a pesquisa realizada nas escolas e a quantificação dos dados coletados, observa-se que algumas iniciativas, ainda que isoladas, são importantes para se pensar numa educação digital inclusiva e no processo de mídiatização da escola. Nessa perspectiva, chega-se a consideração que a decisão principal vem da gestão de cada instituição, a orientação que se passa aos docentes e a forma como discutem o uso das novas mídias são necessárias para a inclusão.

Das escolas visitadas nesta pesquisa, observou-se que a instituição localizada na Pituba, apesar de não ter muito recurso disponível, é uma gestão que prima por contextualizar as didáticas conforme as exigências contemporâneas de domínio das novas linguagens. Nesta escola, os professores orientam e incentivam os estudantes a fazerem pesquisas na internet, e os trabalhos dos alunos(as) são apresentados preferencialmente em power point. Há nesta escola a preocupação dos gestores em acompanhar o ritmo da sociedade em rede, ainda que não se tenha todos os recursos necessários para isso, a iniciativa do diálogo com os docentes e estudantes sobre o uso das novas mídias é fundamental.

Por outro lado, algumas instituições visitadas nesta pesquisa nem se quer discutem o uso das novas tecnologias, seja porque há outros tantos problemas, seja por que não se deram conta ainda da necessidade de orientar os estudantes acerca das novas linguagens utilizadas na contemporaneidade.

Apesar de nos depararmos com informações/imagens que chegam sob diferentes apelos sensoriais – visuais, auditivos e emocionais – incorrendo em diferentes formas de aprendizado além da razão (intuição, emotividade, criatividade e relacionamento) ainda muitas escolas não estão abertas para incorporação, ou, quem sabe para o desafio do trabalho com essas linguagens em seus cotidianos. (PORTO, 2006, p. 44)

Muitas escolas estão fechadas para a nova realidade, pois o desafio está em trabalhar com pouco ou nenhum recurso. Elaborar aulas que contemplem atividades que necessitem da Internet, por exemplo, sem ter o acesso na escola parece sem sentido. Mas, quando se percebe que a maioria dos estudantes - bem como foi constatado nesta pesquisa - está conectada, já se pode começar a pensar e elaborar atividades que orientem os jovens para navegarem de uma maneira mais consciente e construtiva, fazendo uso das novas linguagens com autonomia.

Se a escola quiser acompanhar a velocidade das transformações que as novas gerações estão vivendo, tem que se voltar para a leitura das linguagens tecnológicas, aproveitando a participação do aprendiz na reconstrução crítica da imagem-mensagem, sem perder de vista o envolvimento emocional proporcionado, a sensibilidade, intuição e desejos dos alunos. (PORTO, 2006, p. 49)

Nessa perspectiva, é preciso analisar os novos signos e significados que surgem. É preciso adaptar a escola para caminhar em harmonia com a sociedade local e global em que está inserida. O mundo tem fronteiras cada vez menores e o conhecimento pode aparecer em apenas um clique. Os colégios não podem ser instituições isoladas desse mundo, pelo contrário, devem ser exatamente onde se aprende a transitar nele, com sabedoria e dominando a comunicação necessária para interagir.

Além disso, embora as políticas públicas sejam importantes, elas não são a única e principal solução para a inclusão digital. Prova disso foi o projeto UCA na escola Lindeberg Cardoso, que apesar de ter recebido recursos, a política não se efetivou a contento, pois diversos fatores interferiram no sucesso do trabalho. Portanto, é preciso antes de qualquer iniciativa reconstruir o pensamento sobre educação, sobre escola, sobre aprendizado e sobre os estudantes. Observa-se que a escola continua a mesma de sempre, a educação continua com as mesmas metodologias, porém, os estudantes não são os mesmos. Esses jovens esperam e precisam de novas atitudes por parte da escola.

4. Algumas considerações

A midiatização na rede pública estadual de educação básica da Bahia aparece como segundo plano diante das dificuldades encontradas nas escolas. O processo de informatização via internet e sistemas de computadores é realizado especificamente para as atividades administrativas, como matrículas dos estudantes. Em algumas instituições a internet com maior velocidade é disponibilizada somente no final e início do ano por causa dessas matrículas. Percebe-se conudo, uma preocupação nas questões burocráticas de funcionamento dos colégios e no gerenciamento dos estudantes fazendo uso de um sistema conectado com a Secretaria de Educação e os núcleos regionais de educação.

Porém, no que se refere ao currículo, metodologia e práticas pedagógicas, o uso das TICs acontece de maneira muito tímida. A falta de infraestrutura e material são um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento de uma educação 3.0, conectada com a sociedade e com as mídias. Outro fator identificado foi a falta de manutenção e reposição dos recursos já existentes nas unidades escolares. Nas escolas visitadas para a realização desta pesquisa, com exceção da escola do projeto UCA que ainda não contava com o espaço, os laboratórios de informática estavam inutilizados e as máquinas amontoadas.

Os professores também se queixam da falta de capacitação continuada para o uso das novas tecnologias. Mas a formação em questão a que se referem é muito mais sobre práticas (como usar os recursos, quais atividades desenvolver, como interagir, sugestões de sequências didáticas) e menos de teorias. Ao mesmo tempo reclamam que não há equipamentos disponíveis para tal dinâmica, além da ausência de internet, os datashows por exemplo precisam ser usados em revezamento e disputado pelos docentes já que são dois por cada escola. Nesse dilema, a maioria opta por aplicar a metodologia tradicional nas aulas que se resumem em cópias, questionários no caderno e exercícios no livro didático.

As políticas públicas aplicadas até o momento não surtiram efeito satisfatório e se apresentam de maneira vazia e descontextualizada, pois mais parecem

pacotes de soluções comprados com dinheiro público para ser aplicado em escolas ignorando as problemáticas existentes nelas. O tablet educacional ofertado aos docentes foi desprezado pelos mesmos, o projeto UCA foi abandonado sem avaliação, a internet banda larga na escola não atendeu ao que foi acordado. Tais políticas são elaboradas de maneira vertical, do MEC e pelo MEC sem a contribuição dos que mais precisam, as escolas. E sendo assim, estão fadadas ao fracasso. Para melhorar a educação e para que haja a inclusão digital é preciso que as políticas surjam das próprias unidades educacionais, ouvindo as necessidades, sugestões e ponderações.

Além do mais, deve-se entender que os estudantes, principal razão da educação existir, são pessoas contextualizadas em seu tempo e sua cultura, mudando de geração em geração o comportamento, hábito e costume, na medida em que a sociedade vai se modificando. Portanto, numa era em que há a interdependências dos sujeitos pela tecnologia digital e o uso das novas mídias para a comunicação, os estudantes precisam e têm o direito de receber uma educação conectada com o seu tempo e com as novas linguagens. Ofertar tal educação para esses alunos requer planejamento, políticas públicas participativas, iniciativa da gestão e engajamento dos docentes. Por mais que as dificuldades de cada escola pesem no cotidiano escolar, começar a pensar numa educação digital na rede pública e levar as discussões para sala de aula já é um começo.

Referência bibliográfica

- BELONI, Maria Luiza. O que é mídia-educação. 3º Edição. Campinas: Autores associados, 2009.
- BONILLA, M. H.; PRETTO, N. L. Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação. In.: Em aberto. Brasília, v. 28, n. 94, p. 23-40, jul./ dez. 2015.
- BORGES, F. M. Sociabilidade nas Lan Houses das periferias. Ponto-e-Vírgula, v. 6, p. 218-234, 2009.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2001
- FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha; RÉGNIER, Jean-Claude. Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília: MEC/INEP, v. 81, n. 198, p. 229-243, mai./ago. 2000.
- FAVA, Rui. Educação 3.0: aplicando o PDCA nas instituições de ensino. 1º Edição. São Paulo: Saraiva, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1984.
- HJARVARD, Stig. Mediatization: conceptualizing cultural and social change. Revista Matriz, v. 8, nº 1. São Paulo - Brasil p. 21-44 jan./jun. 2012.
- KENSKI, V. M. Educação e tecnólogos: o novo ritmo da informação. 8º Edição. Campinas: Papirus, 2012.
- LEMONS, André, in.: Leão, Lúcia (org). Derivas. Cartografias do Ciberespaço., SP, Anna Blume, 2004.
- LIMA, V.A. Sete teses sobre a relação Mídia e Política. Mimeo, 2003.
- MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- DEMO, Pedro. A nova LDB, entre ranços e avanços. Campinas: Papirus, 1997.
- GOMÉZ, Pérez. Educação na era digital: a escola educativa; tradução: Marisa Guedes; revisão técnica: Bartira Costa Neves. Porto Alegre: Penso, 192 30p. 2015.
- PEROVANO, Dalton Gean. Manual de Metodologia Científica. Paraná: Editora Juruá, 2014.

PRETTO, NL., and SILVEIRA, SA., orgs. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras [livro eletrônico] TIC educação 2014 [coordenação executiva e editorial, Alexandre F. Barbosa]. - São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.

PRIOSTE, Cláudia Dias; orientação Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual / São Paulo: s.n., 2013. 361 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

QUARTIERO, E.M.; BONILLA, M.H.S.; FANTIN, M. Projeto UCA: entusiasmos e desencantos de uma política pública. Salvador: EDUFBA, 2015.

TAPSCOTT, Dan. Geração Digital: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. Trad. Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books, 1999.

XAVIER. Antônio Carlos. Processos de referenciação no Hipertexto. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos (41) pp.165-176, Campinas, Editora da Unicamp. 2001

http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/juventude_conectada-online.pdf

<http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo/proinfo-projeto-um-computador-por-aluno-uca>

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=15808>

Popularização da Internet: introdução ao uso de correio eletrônico e web
https://memoria.rnp.br/_arquivo/documentos/ref0186.pdf

http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf

<http://escola-lindembergue.blogspot.com.br/2011/07/relato-sobre-o-projeto-uca.html>

ANEXO A**QUESTIONÁRIO – PESQUISA SOBRE ACESSO À INTERNET**

1- Quais são os motivos que lhe levam a acessar a internet?

2- Você tem internet disponível para acesso na escola? _____

3- Há pacote de internet no seu celular? _____

4- E na sua residência há internet? _____

5- Frequenta lan house para ter acesso à internet? _____

6- Você participa de alguma rede social, como: Facebook, Instagram, entre outros?
Quais?

7- Tem conta de e-mail? _____

8- Quais são as atividades escolares realizadas através da internet?

9- Usa a internet para estudar para as provas ou elaborar uma redação?

10- Já fez algum curso online?

TEM MAIS ATRÁS... POUCA COISA, MAS TEM! →

11- Com quais atividades você gasta mais tempo na internet?

12- Agora enumere os tipos de sites mais acessados por ordem, 1 para o mais acessado, na sequência:

- () Rede social Facebook
- () Sites de notícias
- () Rede social Instagram
- () Sites de busca - Google
- () Sites de compras
- () Sites de vídeos

13 - Com qual frequência você acessa a internet?

- () 1 x na semana
- () 2 a 3 vezes
- () 4 a 5 vezes
- () todos os dias
- () Está sempre conectado
- () Raramente tem acesso

14 – Há alguma queixa quanto ao uso da internet?

Obrigada por participar! 😊

ANEXO B

QUER ACESSAR O "WI-FI" DO ROTEADOR "COLÉGIO ROTARY" ?

ACERTE O DESAFIO E OBTENHA A SENHA:

PROBLEMA A SER RESOLVIDO:

A SEQUÊNCIA DO DESAFIO ANTERIOR (1, 5, 9, 13, 17,...) é uma P.A. Pois bem, aplicando sobre ela a função quadrática $f(x) = x^2 + 1$ e fazendo "peripécias" você encontrará uma nova P.A. Logo, a resolução do desafio para encontrar a senha do WI- FI CORRESPONDE AOS 08 (OITO) DÍGITOS OBTIDOS QUANDO VOCÊ CALCULA A SOMA DOS 800 (OITOCENTOS) PRIMEIROS TERMOS DESSA NOVA P.A.

PORTANTO A RESPOSTA É: _____

DICA: VOCÊ ENCONTRARÁ OITO DÍGITOS COMPOSTOS POR QUATRO DEZENAS.